



ST6 – INOVAÇÃO, GESTÃO DE ORGANIZAÇÕES E DINÂMICAS DE MERCADOS

**COMPETITIVIDADE E ORIENTAÇÃO REGIONAL DAS EXPORTAÇÕES
BRASILEIRAS DE UVA**

**COMPETITIVENESS AND REGIONAL ORIENTATION OF THE BRAZILIAN
GRAPE EXPORTS**

Fernanda Cigainki LISBINSKI¹, Leticia FAVARETTO², Juliana FAVARETTO³,
Daniel Arruda CORONEL⁴

Resumo:

Este estudo buscou analisar a competitividade e a orientação regional das exportações de uvas frescas produzidas no Brasil, no período 2000 a 2017. Para atingir esse objetivo, utilizaram-se os indicadores de comércio internacional Vantagem Comparativas Revelada (VCR), Taxa de Cobertura (TC) e Índice de Orientação Regional (IOR). Os resultados indicam que, na maior parte do período analisado, o Brasil teve vantagem comparativa revelada. Além disso, durante todo o período, as exportações superaram as importações, e as exportações possuem forte orientação para os dois principais importadores do produto, que são Holanda e Reino Unido. Entretanto, o produto vem perdendo espaço no comércio internacional, portanto, é necessário que haja maiores incentivos à produção de uva para que o país consiga maior inserção nesse mercado, que possui grande potencial.

Palavras-Chave: Uvas frescas. Competitividade. Orientação.

Abstract:

The purpose of this study is to analyze the competitiveness and the regional orientation of the fresh grapes exports produced in Brazil, in the period of 2000 to 2017, for this purpose, international trade indicators were used, as the Revealed Comparative Advantage (RCA), the Coverage Rate (CT) and the Regional Orientation Index (ROI). The results presented that, in most part of the analyzed period, Brazil had comparative advantage revealed. Besides, throughout this period the exports exceeded imports, and the exports had a strong orientation towards the two main importers of the product, Netherlands and United Kingdom. However, the product has been losing ground in international trade, therefore, it is necessary to have greater incentives for grape production, so the country can achieve greater insertion in this market that has great potential.

1 Discente do Programa de Pós-Graduação em Economia e Desenvolvimento, UFSM e Bolsista da Capes; e-mail: fernandacl32@hotmail.com

2 Discente do Curso de Graduação em Ciências Econômicas, UFSM e Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC) do CNPq; e-mail: leticiafavaretto18@gmail.com

3 Discente do Curso de Graduação em Ciências Econômicas, UFSM e Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC) do CNPq; e-mail: julianafavaretto07@hotmail.com

4 Professor Associado do Curso de Graduação em Ciências Econômicas e dos Programas de Pós-Graduação de Economia e Desenvolvimento, Gestão de Organizações Públicas e Agronegócios da UFSM e Bolsista de Produtividade do CNPq, UFSM; e-mail: daniel.coronel@uol.com.br



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Keywords: Fresh grapes. Competitiveness. Orientation.

INTRODUÇÃO

1 Introdução

Em 2018, as frutas frescas geraram US \$ 8,2 bilhões em exportações totais mundiais. Comparado ao ano de 2017, em 2018, as exportações de frutas cresceram 11,3%, passando de US \$ 7,37 bilhões para US \$ 8,2 bilhões. Destaca-se que o comércio de frutas representa 0,045% do comércio mundial total. A China é a maior produtora, seguida da Índia e do Brasil, que ocupa a terceira posição. Os principais exportadores são Tailândia (20%), Nova Zelândia (18,66%), Vietnã (8,8%), Itália (6,6%) e Hong Kong (5,4%). E os principais mercados de destino dessas frutas são União Europeia (53,6%), Estados Unidos (18,9%), China (13,9%), Rússia (5,1%) e Canadá (4,8%) (OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY - OEC, 2020).

Destaca-se que, dentro do agronegócio brasileiro, a fruticultura é um setor muito importante, pois, além de ser uma atividade bastante rentável para os produtores, emprega quantidade expressiva de mão de obra e tem um enorme potencial como alternativa para expansão das exportações de produtos agrícolas (VITTI, 2009). Além disso, o mercado de hortifrútis conta com boas perspectivas de expansão, devido a mudanças no padrão de consumo, em que há maior preocupação dos consumidores com a sua alimentação e com problemas relacionados à obesidade, colesterol, entre outros, fazendo com que os consumidores optem por produtos mais saudáveis, ricos em vitaminas e sais minerais (ALVES, 2009).

De acordo com a Associação Brasileira de Produtores Exportadores de Frutas e Derivados (ABRAFRUTAS, 2019a), o Brasil é o terceiro maior produtor de frutas no mundo, no entanto apenas 3% do que é produzido destina-se ao mercado externo, por isso o país ocupa a modesta 23ª posição no ranking de exportações. Neste sentido, o Brasil tem buscado ampliar sua participação na comercialização de frutas no mercado internacional. Em 2019, o volume de exportações aumentou 16% em relação a 2018, passando de 848 milhões de toneladas para 980 milhões de toneladas, e a uva foi a terceira fruta que mais gerou receitas de exportação, ficando atrás somente da manga e do melão (ABRAFRUTAS, 2020). Desta forma, evidencia-se a importância da uva na pauta de exportações brasileira, e seu impacto na geração de renda e divisas para o país.

A produção de uvas no Brasil ocorre em diversos estados, especialmente nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste, sendo a Região Sul a maior produtora, com destaque para o Estado do Rio Grande do Sul, e a Região Nordeste é a segunda maior produtora, mais especificamente, o Vale do São Francisco, que engloba os Estados da Bahia e de Pernambuco (MELLO, 2018). Entretanto, no que diz respeito às exportações, no ano de 2019, os dados do Ministério da Economia, Indústria, Comércio Exterior e Serviços – ME (2020) indicaram que o Vale do São Francisco foi responsável por aproximadamente 98,5% das exportações nacionais de uva, o que destaca a relevância das



OBSERVADR





exportações da fruta para a geração de emprego e renda nesta região.

Diante disso, o objetivo deste artigo é o de analisar a competitividade, o desempenho e a orientação das exportações de uvas frescas brasileiras no comércio internacional, no período que compreende os anos 2000 a 2017. Para atingir esse objetivo, foram utilizados os seguintes indicadores de comércio internacional: Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (VCR), Taxa de Cobertura (TC) e Índice de Orientação Regional (IOR). A relevância desta pesquisa está no fato de que os resultados podem ajudar na tomada de decisões e elaborações de políticas públicas voltadas ao setor produtor de uvas para exportação a fim de dinamizar a produção e promover maior inserção do produto no mercado internacional.

O artigo estrutura-se em três seções, além desta introdução. Na seção dois, são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa; na seção três, apresentam-se os resultados; e, na última seção, são apresentadas as conclusões.

2 Metodologia

2.1 Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR)

O Índice de Vantagem Comparativa Revelada mede a intensidade da especialização do comércio internacional de um país relativamente a uma região ou ao mundo, é fundamentado na Lei das Vantagens Comparativas de David Ricardo e foi proposto inicialmente por Bela Balassa (1965).

O indicador de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) é apresentado na Equação (1):

$$VCR_{ij} = \frac{(X_{ij}/X_i)}{(X_{zj}/X_z)} \quad (1)$$

Em que:

X_{ij} = representa o valor das exportações brasileiras do produto j ; X_i = representa o valor total das exportações brasileiras; X_{zj} = representa o valor das exportações mundiais do produto j ; X_z = representa o valor total das exportações mundiais; i = exportações brasileiras; z = exportações mundiais; j = uvas frescas.

Os resultados do índice podem variar de zero a infinito. Se for maior que 1, o país apresenta vantagem comparativa revelada. Se o resultado for menor que 1, o país não apresenta vantagem



comparativa revelada. Sendo o resultado igual a 1, o país não tem vantagem e nem desvantagem no comércio do produto. Quanto maior for o índice, maior a vantagem comparativa do país.

2.2 Taxa de Cobertura (TC)

A Taxa de Cobertura é utilizada para relacionar as exportações e as importações, e define-se como o quociente entre as exportações e importações de determinado bem. Tal indicador é obtido através da Equação (2):

$$TC_{rj} = \frac{X_{rj}}{M_{rj}} \quad (2)$$

Em que: X_{rj} = valor das exportações brasileiras do produto j ; M_{rj} = valor das importações brasileiras do produto j ; e j = uvas frescas.

Se o resultado for maior que 1, as exportações superam as importações, e isso significa que o produto contribui para o superávit da balança comercial. Quando o resultado for menor que 1, as importações superam as exportações, e o produto não está contribuindo para o aumento do saldo da balança comercial.

2.3 Índice de Orientação Regional (IOR)

O Índice de Orientação Regional (IOR) se baseia nos estudos de Yeats (1997) em um contexto de mudanças nos padrões de comércio com os acordos regionais. É expresso pela Equação (3):

$$IOR_{rj} = \frac{(X_{rj}/X_{tr})}{(X_{oj}/X_{to})} \quad (3)$$

Em que: X_{rj} = valor das exportações brasileiras do produto j ; X_{tr} = valor total das exportações brasileiras intrabloco; X_{oj} = valor das exportações brasileiras do produto j extrabloco; X_{to} = valor total das exportações brasileiras extrabloco; e j = uvas frescas.

Este índice, assim com o VCR, varia de zero a infinito. Se o resultado for 1, existe uma mesma tendência para exportar o produto para membros do bloco e não membros do bloco. Se o indicador de orientação regional apresentar valores crescentes ao longo do tempo, existe uma tendência para exportar mais para o bloco.



II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

2.4 Fonte de Dados

Para o cálculo dos indicadores, as informações referentes às exportações e importações brasileiras de uva, bem como as exportações brasileiras totais foram obtidas no Sistema para Consulta e Extração de Dados do Comércio Exterior Brasileiro (COMEXSTAT), o qual se baseia na declaração de exportadores e importadores. Utilizou-se, ainda, a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) de oito dígitos, com seu respectivo código (0806.10.00), que corresponde a uvas frescas. Para obtenção de dados referentes às exportações mundiais de uva e mundiais totais, utilizaram-se os sites da *Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO)* e *The World Bank*.

3 Análise e Discussão dos Resultados

3.1 Caracterização do Mercado Exportador de Uva Brasileiro

Os estados da Bahia e de Pernambuco são os principais exportadores brasileiros de uva. De acordo com dados da Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (2019), a produção de uvas no Brasil, em 2018, foi de 1.592.242 toneladas, 5,22% menor que em 2017. Destaca-se que a Região Sul é a maior produtora desse fruto, representando 58,91% do total produzido pelo país, no entanto essa produção é destinada à fabricação de vinhos e espumantes. A Região Nordeste é a segunda maior produtora de uva, e, em 2018, contribuiu com 31,52% da produção total do país. Neste mesmo ano, a região apresentou aumento de 12,78% em sua produção, comparado ao ano anterior. A maior parte desta produção concentra-se no Vale do São Francisco, sendo que a produção de uvas no Estado de Pernambuco foi de 423.382 toneladas no ano de 2018, apresentando um crescimento de 8,48%, comparado ao ano anterior, e, no Estado da Bahia, essa produção foi de 75.378 toneladas, 47,54% maior comparada a 2017 (MELLO, 2018).

Destaca-se que a exportação de uva, nos últimos três anos, tem permanecido constante (conforme observado na Figura 1). Ao analisar o cenário brasileiro de exportações de uva, é possível observar que, do ano 2000 a 2003, as exportações do produto aumentaram cerca de 22%. Em 2004, ocorreu uma diminuição das exportações do produto, e isso se deve a condições climáticas decorrentes de fortes chuvas, que provocaram redução da oferta de uva bem como dos padrões de qualidade do produto para exportação, conforme apontado por Veloso, Correa e Lima-Filho (2009) e Silva, Ferreira e Lima (2016). No período de 2005 a 2008, as exportações desse produto voltaram a crescer e apresentaram um crescimento de cerca de 1310% comparado ao ano de 2000. Destaca-se que, em 2008, ocorreu o maior volume de exportações desse produto, atingindo um valor de 171 milhões de dólares, e o equivalente a 82 milhões de quilogramas de uva.



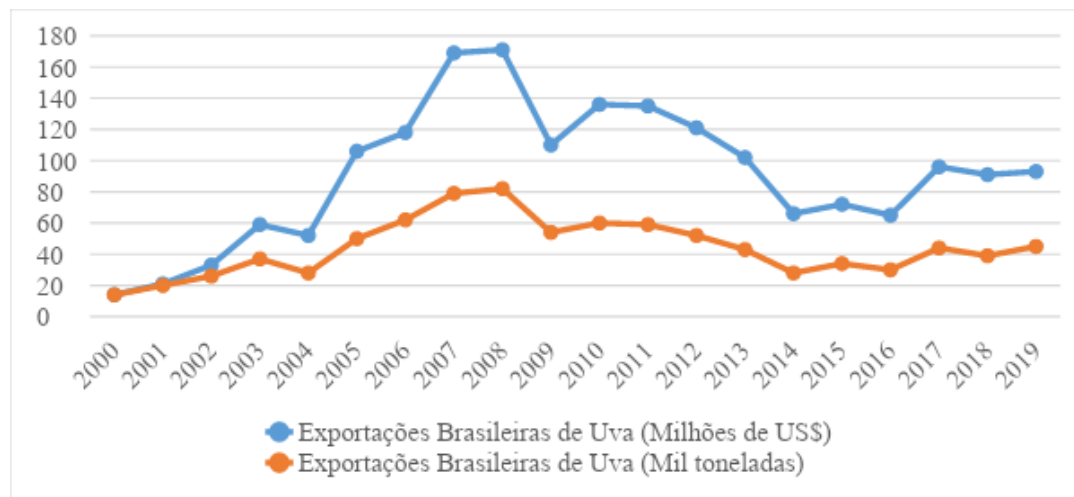
OBSERVADR





No entanto, em 2009, houve uma redução brusca do volume de exportações de uva, uma diminuição de cerca de 35,6%. Para Mello (2009), as exportações brasileiras de uva decaíram em 2009, cerca de 54.560 toneladas (33,65%) a menos do que no ano anterior. Isso se deve à crise mundial que ocorreu em 2008, situação que provocou desestímulo e abandono de alguns produtores de parreirais do Nordeste brasileiro, que não produziram em 2009. Além disso, as fortes chuvas que ocorreram no Vale do São Francisco provocaram rachaduras de bagas, tornando parte da produção inapropriada para exportação.

Figura 1 – Exportações brasileiras de uva no período de 2000 a 2019



Fonte: COMEXSTAT (2020)

Em 2010, as exportações tiveram um leve aumento, no entanto, em 2012, tornaram a cair, situação que perdurou até o ano de 2014. A queda das exportações nesse período é reflexo da crise financeira dos Estados Unidos e da queda do dólar, ocorrido em 2008, no entanto, em 2012, a taxa de câmbio foi o principal fator que contribuiu para a queda das exportações de uva (SILVA; FERREIRA; LIMA, 2016). No ano de 2013, a alta no preço foi muito pequena, além disso, a venda da uva para o mercado externo caiu devido ao prolongamento da colheita nos Estados Unidos, um dos principais importadores do produto, e na Grécia, que abastecia os países da Europa (AMARAL et al., 2016). Em 2014, ainda se presenciavam os reflexos dos últimos 2 anos, além disso, a situação se agravou, pois, a região do Vale do São Francisco, principal produtora e exportadora de uva, ainda não havia recuperado todo o seu potencial produtivo, provocado pela quebra de safra nos dois últimos anos decorrentes do clima quente e seco (HFBRASIL/CEPEA, 2016).



II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Em 2015, o volume de exportação do produto voltou a apresentar crescimento, cerca de 18% comparado a 2014, mantendo-se constante em 2016. E, em 2017, ocorreu um novo crescimento no volume de exportações, cerca de 31% comparado a 2016, mantendo-se constante até 2019. De acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA (2019), a participação do Brasil no mercado europeu apresentou um crescimento de 4% em 2014, para 6% em 2018, e isso se deve, em parte, ao acordo de cooperação econômica Mercosul-União Europeia. Como ocorreu a isenção das tarifas da uva, também houve aumento da exportação desse produto a países europeus.

Destaca-se que o setor fruticultor brasileiro apresenta grande potencial de crescimento, no entanto possui algumas limitações. De acordo com Carvalho (2009), as principais limitações apresentadas pelo setor de fruticultura brasileiro, e principalmente pela Região Nordeste, são a dificuldade de adaptação do produtor aos padrões de exigências do mercado internacional, pois a fruticultura normalmente é uma prática do pequeno produtor, e este muitas vezes, não possui condições financeiras para investir em sistemas de produção mais eficientes ou para se adaptar a determinados padrões de qualidade. Além disso, existem as questões climáticas e a falta de políticas que incentivem, por meio de linhas de crédito, a produção voltada ao mercado internacional.

Para as exportações da uva brasileira, cujo destino principal é a Europa, Aires e Julião (2017, p. 13) destacam que “o maior desafio está na janela de envio limitada em três meses, pois a safra grega vai até setembro, e, enquanto a Europa está produzindo, incide uma tarifa de importação sobre o produto brasileiro, o que reduz de forma significativa sua competitividade, e, a partir de novembro, a produção de uvas no Brasil é afetada pelo período típico de chuvas”. Além disso, Palmieri e Barbieri (2019) apontam que, a depender do período do ano, a tarifa sobre a uva brasileira varia de 11,5% a 14%, enquanto os principais concorrentes do Brasil já são isentos. Portanto, o acordo comercial entre o Mercosul e a União Europeia, com isenção de tarifas, teria alto impacto sobre as exportações da uva brasileira, com a possibilidade de ampliação das janelas de exportação.

3.2 Análise dos Indicadores de Comércio Internacional

3.2.1 Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR)

Analisando a Tabela 1, que traz os resultados da aplicação do Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) e a evolução destes resultados, pode-se afirmar que o Brasil possui vantagens comparativas nas exportações de uva, tendo em vista que, na maior parte do período estudado, o



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

índice foi superior à unidade, entretanto, a partir de 2009, os resultados começaram a diminuir sistematicamente, revelando perda de competitividade, mas este ciclo foi interrompido em 2017, quando cessou a queda e o valor do índice foi igual à unidade, sinalizando que o país pode estar recuperando a competitividade.

Tabela 1- Índice de Vantagem Comparativa Revelada das uvas frescas brasileiras (2000-2017)

Anos	VCR	Anos	VCR
2000	0,69	2009	1,72
2001	0,96	2010	1,74
2002	1,40	2011	1,44
2003	2,11	2012	1,32
2004	1,65	2013	1,06
2005	2,56	2014	0,75
2006	2,78	2015	0,85
2007	3,20	2016	0,78
2008	2,63	2017	1,00

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da pesquisa, 2020

Constata-se que, nos dois primeiros anos da série, 2000 e 2001, o resultado do índice foi menor que a unidade, o que significa desvantagem comparativa, entretanto, a partir de 2002, com uma maior inserção do Brasil no comércio internacional, o país passou a ter resultados superiores à unidade. De acordo com Vitti (2009), a partir dos anos 2000, frutas como a uva, o limão e a maçã, que até então eram pouco exploradas, ganharam maior espaço no comércio internacional devido à adoção de políticas governamentais, entre elas, incentivo à produção em áreas pouco exploradas como o Vale do São Francisco, certificação da fruta, melhora da qualidade e dos meios de distribuição.

O ano de 2004 registrou uma “quebra” na tendência crescente do índice, pois ele diminuiu se comparado a 2003, e o valor das exportações também diminuiu, entretanto isso se deve a condições climáticas. As fortes chuvas provocaram redução na oferta de uva, bem como redução dos padrões de qualidade do produto para exportação, conforme apontado por Veloso, Correa e Lima-Filho (2009). O melhor resultado do VCR foi no ano de 2007, quando o índice atingiu o valor de 3,20, encerrando a trajetória crescente do VCR. No ano seguinte, 2008, o Brasil registrou o maior volume de exportações de uva de todo o período analisado. No entanto, o Índice de Vantagem Comparativa Revelada foi menor do que no ano anterior, e isto se deve ao fato de que as exportações totais brasileiras, em 2008, apresentaram um aumento expressivo se comparado aos anos anteriores, proporcionalmente maior do que o aumento das exportações de uva, refletindo-se em queda do índice.



II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

No ano de 2009, houve redução acentuada do índice, provavelmente em função da queda brusca das exportações. Como explicado na seção anterior, esta queda é reflexo das fortes chuvas que atingiram o Nordeste, mais especificamente o Vale do São Francisco. Além disso, o mercado interno apresentou bom desempenho enquanto o mercado internacional sentia os reflexos da crise financeira, que acabou diminuindo a demanda por produtos importados (AIRES; JULIÃO, 2017). Conforme Oliveira, Lopes e Moreira (2011), também pode haver relação com as maiores exigências de supermercados europeus, principal mercado de destino da uva brasileira, para adoção de certificados que atestassem a qualidade do produto brasileiro e, assim, houve necessidade de ajustes na produção.

No período que compreende os anos de 2014 a 2016, o índice volta a apresentar resultados menores que a unidade, ou seja, a uva brasileira não poderia mais ser considerada competitiva no comércio internacional. De acordo com Barbieri et al. (2018), a baixa competitividade do Brasil nesse período é explicada por diversos fatores, entre eles, o fato da concorrência à uva brasileira ter aumentado muito na Europa, já que a janela atrativa de demanda ocorre no segundo semestre, quando finalizam as safras da Grécia e da Itália, entretanto, neste período, países como Peru, Turquia e Namíbia também fornecem a fruta ao bloco, além disso, a janela de exportações para os Estados Unidos ficou mais estreita, pois houve prolongamento nas safras da Califórnia e do México. Por fim, períodos chuvosos durante a colheita da uva no Brasil limitaram os embarques, tanto pela redução do volume como da qualidade.

No ano de 2017, o VCR foi exatamente igual à unidade, sinalizando que o produto pode estar voltando a ser competitivo frente ao comércio internacional, ademais, as exportações aumentaram consideravelmente, se comparadas aos três anos anteriores. De acordo com Palmieri e Julião (2017), após a forte queda da receita obtida com frutas frescas a partir de 2009, o que não ocorreu somente no Brasil, o setor apresentou indícios de recuperação no mercado internacional. Segundo Barbieri et al. (2018), em 2017, as exportações de uva brasileira ganharam mais espaço em razão da introdução de novas variedades, podendo estender o calendário de exportação, e isto demonstra que a uva brasileira tem potencial para aumentar sua competitividade. Além disso, houve investimento em pesquisa, visando ao melhoramento da qualidade da uva produzida na Região Nordeste, tornando possível a sua colheita ao longo de todo o ano. Ademais, esse melhoramento permitiu a elaboração de suco, algo que há pouco mais de seis anos não era viável, mesmo diante das condições favoráveis de solo e clima nesta região, principal exportadora do produto *in natura* (EMBRAPA, 2019).



OBSERVADR





3.2.2 Taxa de Cobertura (TC)

A taxa de cobertura, cujos resultados estão expostos na Tabela 2, correlaciona as exportações e importações de determinado produto, e por meio dela é possível saber se o país é comprador ou exportador do bem no comércio mundial.

Tabela 2 – Taxa de Cobertura das Uvas frescas brasileiras (2000-2017)

Anos	TC	Anos	TC
2000	1,61	2009	5,10
2001	3,55	2010	3,78
2002	4,71	2011	2,64
2003	11,84	2012	2,24
2004	13,02	2013	1,73
2005	16,12	2014	1,07
2006	10,55	2015	1,45
2007	11,34	2016	1,42
2008	11,54	2017	2,46

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da pesquisa, 2020

Durante todo o período analisado, as exportações brasileiras de uvas frescas superaram as importações, portanto a contribuição da uva para o saldo da balança comercial brasileira sempre foi positiva. A trajetória dos resultados deste indicador foi crescente até 2005, quando atingiu o ápice, e o período entre 2006 e 2008 foi o melhor em termos de exportação, entretanto as importações também aumentaram consideravelmente, o que levou a uma leve redução da taxa de cobertura.

Para Deleo *et al.* (2012), a partir de 2009, tornou-se nítida a preferência dos produtores, especialmente os do Vale do São Francisco, pelo mercado nacional, e os fatores que influenciaram esta mudança foram a diminuição do poder de compra dos consumidores europeus e norte-americanos em função da crise de 2008, a ampliação do calendário de comercialização dos concorrentes, que acirrou a competição na janela de exportação brasileira, e além disso, a consolidação da classe média no Brasil e o aumento do poder aquisitivo da população. Todos esses fatores foram cruciais para atrair o olhar dos produtores ao mercado interno, e, conseqüentemente, houve diminuição das exportações e da taxa de cobertura.

A queda da taxa de cobertura persistiu até 2014, quando atingiu o menor valor de toda a série. Para Oliveira, Pagliuca e Julião (2014), neste ano, houve redução nas exportações de uva em função do embargo russo, que impediu a compra de frutas dos EUA, da UE, da Austrália, do Canadá e da Noruega, o que elevou a disponibilidade de uva no continente europeu e diminuiu a demanda pela fruta brasileira. Outro fato que levou à diminuição das exportações da fruta, segundo a Companhia



Nacional de Abastecimento (CONAB, 2018), foi a crise produtiva enfrentada pelos produtores de uvas na safra de 2016, no Rio Grande do Sul, decorrente das fortes chuvas enfrentadas pelo Estado, e, apesar da leve recuperação no ano de 2017, os últimos anos apresentam consequências desse período. Destaca-se, ainda, que a importação de uva pelo Brasil, inclusive vinda da Europa, também aumentou, fazendo com que a relação entre exportações e importações de uvas frescas ficasse muito próxima da unidade. Além disso, as importações brasileiras de uvas e seus derivados aumentam a cada ano, justificando a queda gradativa do índice. Isso se deve, em parte, às políticas de isenção tributária no comércio com os países integrantes do Mercosul e com o Chile, possibilitando, assim, a entrada de produtos estrangeiros a preços mais competitivos no mercado brasileiro (CONAB, 2018).

3.2.3 Índice de Orientação Regional (IOR)

O Índice de Orientação Regional (IOR), apresentado na Tabela 3, permite analisar se as exportações de determinado produto, neste caso a uva, estão orientadas para determinados países. Para o presente trabalho, foram escolhidos a Alemanha, os Estados Unidos, a Holanda, e o Reino Unido, pois são os maiores importadores do produto, visto que foram responsáveis por 86% das importações da uva brasileira em 2017 (ME, 2020).

Tabela 3 – Índice de Orientação Regional de uvas frescas brasileiras (2000-2017)

Anos	IOR Alemanha	IOR Estados Unidos	IOR Holanda	IOR Reino Unido
2000	1,49	0,11	21,49	5,95
2001	1,29	0,01	32,57	8,82
2002	0,69	0,06	29,46	20,07
2003	0,53	0,12	29,00	16,35
2004	0,51	0,36	26,21	15,56
2005	0,27	0,70	35,03	14,88
2006	0,28	1,68	27,00	12,62
2007	0,78	1,02	18,32	17,75
2008	0,40	2,34	12,84	17,41
2009	0,38	2,74	14,11	15,73
2010	0,30	3,05	17,02	16,20
2011	0,59	4,09	14,93	17,59
2012	0,68	1,86	18,93	21,28
2013	2,36	0,63	14,15	31,96
2014	2,22	0,02	19,57	35,70
2015	4,36	0,20	19,69	36,20
2016	3,87	0,18	20,38	26,22
2017	3,88	0,49	29,73	24,05

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da pesquisa, 2020.



II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

Ao analisar a Tabela 3, observa-se que Holanda e Reino Unido sempre tiveram resultados bastante superiores à unidade e, assim, as exportações estão mais orientadas para estes blocos, entretanto o comportamento do índice durante o período é bastante instável. Verifica-se, então, que os países da União Europeia são o principal destino da uva brasileira. Ressalta-se que esse bloco importou cerca de 67% do total de frutas exportadas em 2017 e cerca de 75% da uva embarcada. As maiores compras de uva foram efetuadas pelos Países Baixos (Holanda) (36%) e pelo Reino Unido (32%). O terceiro maior importador foram os Estados Unidos (17%) (ME, 2020).

Com relação à Holanda, apesar de ser o maior importador e principal destino de uva brasileira, somente a partir de 2014 o índice apresentou crescimento ano após ano. Dentre os 110 países destinados à exportação de frutas em 2018, a Holanda se manteve na liderança, sendo o principal destino de frutas *in natura* e frutas e seus derivados (MDIC, 2020). Os bons resultados da Holanda podem ser explicados pelo fato de que boa parte das frutas produzidas no Brasil destinadas à Europa passam pelo estratégico Porto de Roterdã, na Holanda, que é o maior do continente, ou seja, o país é um importante centro de distribuição de frutas na Europa (ABRAFRUTAS, 2019b). Além disso, a via marítima torna-se mais viável, ou é a que apresenta menor custo para transportar uvas para seu destino, e as vias aérea e rodoviária são meios de transporte utilizados por apenas 0,1% e 0,6%, respectivamente, do total exportado de uvas brasileiras (FONSECA; XAVIER; COSTA, 2010).

No caso do Reino Unido, a trajetória de seus resultados é mais uniforme, mas também apresenta oscilações, mesmo assim, pode-se dizer que há uma forte tendência de exportar para este país. Para Rodrigues (2012), as exportações da uva brasileira apresentaram taxas de crescimento expressivas, e o país se tornou competitivo no mercado europeu devido à melhoria da qualidade da produção dessa fruta, que se tornou bastante aceita naquele mercado, sobretudo no Reino Unido. Nos últimos anos, o Brasil vem atendendo à exigência do mercado importador, visando à diminuição no nível de agrotóxicos e à preservação do meio ambiente, o que é valorizado pela população europeia e do Reino Unido.

Quanto aos resultados de orientação regional da Alemanha, nos dois primeiros anos da série, com resultados superiores à unidade, as exportações da uva brasileira eram orientadas ao país, no entanto, entre 2002 e 2012, o índice ficou abaixo da unidade, e a recuperação veio a partir de 2013, com o melhor resultado em 2015. Desde então, o índice tem se mantido estável, o que significa que o Brasil exporta quantidade significativa de uvas para a Alemanha, mas não se pode afirmar que há tendência de crescimento ou diminuição das exportações intrabloco.

Segundo Roenne (2017, p. 35), “o desempenho das exportações de frutas para a Alemanha tem sido modesto. Os dados demonstram decréscimo das importações alemãs, tendo como origem o Brasil, de 7%, em relação ao valor, no período de 2012 e 2016. No entanto as exportações de frutas



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

brasileiras estão longe de esgotar as suas possibilidades de inserção e aumento no grande mercado que é a Alemanha”. Percebe-se que os consumidores locais estão cada vez mais atentos à saúde, à qualidade e à segurança dos alimentos, de forma que o foco na promoção dos benefícios das frutas brasileiras para a saúde e a melhoria da qualidade destas poderia impulsionar o crescimento do consumo na Alemanha.

Para os Estados Unidos, o indicador revelou-se superior à unidade apenas para o período de 2006 a 2012, e dados do MDIC (2020) demonstram que, desde 2011, o Brasil vem perdendo espaço no mercado norte-americano, e isto se reflete no Índice de Orientação Regional. Esta questão tem relação com o fato de que a produção de uva nos Estados Unidos, sobretudo no Estado da Califórnia, principalmente das variedades tardias, tem aumentado, o que provocou a diminuição das exportações brasileiras da fruta para o mercado norte-americano (HORTIFRUTI/CEPEA, 2011). Outro fator que tem contribuído para a diminuição das exportações de frutas é que o mercado norte-americano tem dado preferência às frutas vindas do México, de forma que, no início de 2018, o mercado norte-americano se encontrava saturado de frutas mexicanas, o que também provocou queda no preço da fruta brasileira devido ao excesso de oferta (HORTIFRUTI/CEPEA, 2018).

Por fim, destaca-se que o mercado internacional, sobretudo o europeu, está se tornando cada vez mais exigente no que se refere à importação de frutas e que o Peru e a Índia apresentaram, nos últimos anos, crescimento expressivo no mercado mundial de uva, tomando parte do mercado brasileiro (AIRES; JULIÃO, 2017). Dessa forma, inserir-se em um mercado extremamente exigente e altamente competitivo não é uma tarefa banal, pois o mercado internacional de frutas está longe de ser facilmente dominado, e isso se deve à barreiras fitossanitárias e preferências comerciais com mudanças relacionadas à produção, à comercialização, à legislação e à logística (RODRIGUES, 2012).

4 Conclusões

O presente trabalho teve por objetivo analisar a competitividade e orientação das exportações brasileiras de uvas frescas durante o período dos anos 2000 a 2017. Para atingir este objetivo, utilizaram-se os Índices de Vantagens Comparativas Reveladas (VCR), a Taxa de Cobertura (TC) e o Índice de Orientação Regional (IOR) para os principais países importadores do bem. Os resultados demonstram que, em termos de vantagens comparativas reveladas, positivos na maior parte do tempo, entretanto, nos últimos anos, o índice foi afetado por questões climáticas, pela crise internacional e por fatores externos, como preços, colheitas nos países concorrentes, entre outros, que fizeram com que o produto brasileiro perdesse competitividade no comércio internacional.



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

A taxa de cobertura demonstrou que o saldo da balança comercial de uvas sempre foi positivo, e, mesmo que durante todo o período estudado o Brasil tenha importado uva, as exportações sempre foram maiores e, portanto, o produto é um bom gerador de divisas ao país, ainda que a maior parte da produção seja voltada ao mercado interno. Os resultados para o Índice de Orientação Regional demonstram que há uma forte orientação para os dois principais importadores da uva brasileira, que são Holanda e Reino Unido, em todo o período, e as exportações tornaram-se mais orientadas para Alemanha, a partir de 2013, entretanto os resultados do IOR para os Estados Unidos comprovam que o Brasil perdeu espaço no mercado de uvas norte-americano, a partir de 2012.

Os resultados encontrados para a uva corroboram com o fato de que o Brasil possui grande potencial no setor fruticultor, mas, para que se possa alcançar resultados ainda melhores em termos de competitividade no comércio internacional, fazem-se necessários maiores investimentos em linhas de crédito, especialmente ao pequeno produtor, para que ele possa se adequar às exigências do mercado internacional, produzir de forma mais eficiente e tornar-se menos suscetível às questões climáticas.

Como limitação do trabalho, destaca-se que os índices são estáticos e, portanto, não incluem questões qualitativas, como barreiras comerciais, condições climáticas, preços, entre outros. Para uma análise mais robusta, sugere-se a utilização de Modelos de Equilíbrio Geral Computável e de Alocação Espacial, que permitem simular cenários mais complexos e mensurar o impacto de políticas econômicas.

Referências

ABRAFRUTAS - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PRODUTORES EXPORTADORES DE FRUTAS E DERIVADOS. **Clipping**. 2019a. Disponível em: <<https://abrafrutas.org/2019/03/07/brasil-e-o-terceiro-maior-produtor-de-frutas-do-mundo-diz-abrafrutas/>>. Acesso em: 28 de maio de 2020.

_____. **Clipping**. 2019b. Disponível em: <<https://abrafrutas.org/2019/07/05/fruta-brasileira-tipo-exportacao/>>. Acesso em: 26 de maio de 2020.

_____. **Dados e Estatísticas**. 2020. Disponível em: <<https://abrafrutas.org/2020/01/28/8825/>>. Acesso em: 28 de maio de 2020.

AIRES, H. S.; JULIÃO, L. Uva: Brasil perde espaço, mas embarque pode subir com novas variedades. **Revista Hortifruti Brasil**, n. 163, p. 13, Piracicaba – SP, nov. 2017. Disponível em: <<https://www.hfbrasil.org.br/br/revista/acessar/completo/ha-espaco-para-exportar-mais-a-uniao->



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

[europeia.aspx](#)>. Acesso em: 22 de maio de 2020.

ALVES, L. M. M. **Uma análise das exportações da fruticultura cearense e brasileira: o caso do abacaxi e da melancia.** Dissertação (Mestrado em Economia Rural). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

AMARAL, G. V.; et al. O desempenho das exportações brasileiras de uva: uma análise da competitividade da região do vale do São Francisco no período de 2005 a 2014. **Revista Cadernos de Aulas do LEA**, n. 5, p. 1-17, Ilhéus – BA, nov. 2016.

BALASSA, B. **Trade liberalization and “Revealed” comparative advantage.** Oxford: Manchester School of Economic and Social Studies, 1965. P.99-123.

BARBIERI, M. G. et al. Especial Frutas: Brasil tem potencial para ser mais forte no mundo das frutas. **Revista Hortifruti Brasil**, n. 184, p. 8, Piracicaba - SP, nov. 2018. Disponível em: <<https://www.hfbrasil.org.br/br/revista/acessar/completo/especial-frutas.aspx>> Acesso em: 22 de junho de 2020.

CARVALHO, D. **Um gargalo perigoso - País sabe produzir, mas perde na hora de comercializar.** Desafios do desenvolvimento – IPEA, 2009. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1228:catid=28&Itemid=23>. Acesso em: 19 de maio de 2020.

CEPEA. **Exportação de Uva**, 2016. Disponível em < <https://www.hfbrasil.org.br/br/exportacao-de-uva.aspx>> Acessado em 19 de mai. de 2020.

CEPEA. HORTIFRUTI/CEPEA. **Impactos do acordo Mercosul-UE ao mercado de uva**, 2019. Disponível em < <https://www.hfbrasil.org.br/br/hortifruti-cepea-impactos-do-acordo-mercossul-ue-ao-mercado-de-uva.aspx> > Acessado em 19 de mai. de 2020.

_____. **Exportação aos Estados Unidos registram lentidão em 2018**, 2018. Disponível em < <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/diarias-de-mercado/manga-cepea-exportacao-aos-estados-unidos-registram-lentidao-em-2018.aspx> > Acesso em 07 de jul. de 2020.

_____. **Uva: Safra nordestina para exportação começa em setembro**, 2011. Disponível em < <https://cepea.esalq.usp.br/br> > Acesso em 07 de jul. de 2020.



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO - CONAB. **Uva Industrial**, 2018. Disponível em < <https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-do-mercado-agropecuário-e-extrativista/analises-do-mercado/historico-mensal-de-uva> > acessado em jul. de 2020.

DELEO, J. P. B. et al. Gestão Sustentável – Uva. **Revista Hortifruti Brasil**, n. 118, p. 8, Piracicaba – SP, nov. 2012. Disponível em: <hfbrasil.org.br/br/revista/acessar/especial-uva-vale-do-sao-francisco-de-olho-no-consumidor-brasileiro.aspx>. Acesso em: 24 de junho de 2020.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Ciência coloca o Nordeste no circuito de produção de suco de uva de qualidade**, 2019. Disponível em < <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/40698686/ciencia-coloca-o-nordeste-no-circuito-de-producao-de-suco-de-uva-de-qualidade> > acessado em: 07 de jul. de 2020.

FONSECA, H. V. P.; XAVIER, L. F.; COSTA, E. F. Análise das exportações de uvas frescas brasileiras: uma estimação gravitacional a partir do modelo de regressões aparentemente não relacionadas. **Rev. de Economia Agrícola, São Paulo**, v. 57, n. 2, p. 81-98, 2010.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS-FAO. **FAOSTAT**. Disponível em: <<http://www.fao.org/faostat/en/#data>>. Acesso em: 05 de mai. 2020.

ME. Ministério da Economia, Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Estatísticas** Disponível em < <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home> > Acesso em 05 de mai. de 2020.

MELLO, L. M. R. **Atuação do Brasil no Mercado Vitivinícola Mundial**, 2009. Disponível em <<http://www.diadecampo.com.br/zpublisher/materias/Materia.asp?id=21292&secao=Artigos%20Especiais> > Acesso em 19 de mai. de 2020.

_____. Vitivinicultura brasileira: Panorama 2018. **Comunicado Técnico**, v. 175, n. 1, p. 6, 2018.

OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY – OEC. **Statistics**. Disponível em < <https://oec.world/pt/> >. Acesso em: 01 de junho de 2020.

OLIVEIRA, F. V.; PAGLIUCA, L. G.; JULIÃO, L. Uva. **Revista Hortifruti Brasil**, v. 13, n. 140, nov 2014. Disponível em:

< <https://www.hfbrasil.org.br/br/revista/acessar/especial-uva-niagara-toma-espaco-da-uva-fina> >



OBSERVADR





II SLAEDR SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

[em-sp.aspx](#)>. Acesso em: 25 de maio de 2020.

OLIVEIRA, J. E. M.; LOPES, P. R.C.; MOREIRA, A.N. Produção integrada no Vale do São Francisco: situação e perspectivas – a produção intergrada de uvas como caso de sucesso. **CONBRAFR – Congresso Brasileiro de Fitossanidade**: SP, Jabotical, p.6, 2011. Disponível em: < <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/38283/1/Eudes-palestras.pdf>>. Acesso em: 22 de maio.

PALMIERI, F. G.; BARBIERI, M. G. Acordo Mercosul-UE deve favorecer competitividade de fruta brasileira. **Revista Hortifruti Brasil**, n. 195, p. 9, Piracicaba – SP, nov. 2019. Disponível em:

< <https://www.hfbrasil.org.br/br/revista/acessar/completo/acordo-mercosul-e-ue-deve-favorecer-competitividade-do-br.aspx> >. Acesso em: 10 de junho de 2020.

_____; JULIÃO, L. Especial Frutas: Há espaço para exportar mais à UE?. **Revista Hortifruti Brasil**, n. 163, p. 13, Piracicaba – SP, nov. 2017. Disponível em: <<https://www.hfbrasil.org.br/br/revista/acessar/completo/ha-espaco-para-exportar-mais-a-uniao-europeia.aspx>>. Acesso em: 22 de junho de 2020.

RODRIGUES, J. **Competitividade das exportações brasileiras de frutas para o mercado europeu**. 2012. 107 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Administração e Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

ROENNE, V. V. **O Mercado de Frutas na Alemanha. Embaixada do Brasil na Alemanha**, Setor de Promoção Comercial, Pesquisa de Mercado – PMR. Berlin, 2018. Disponível em:<<https://investexportbrasil.dpr.gov.br/Arquivos/PesquisasMercado/PMR-Alemanha-Frutas-2018.pdf>>. Acesso em: 07 de jul. de 2020.

SILVA, T. J. J.; FERREIRA, M. de O.; LIMA, J. R. F. A competitividade das exportações de manga e uva do Vale Submédio do São Francisco. **Revista de Política Agrícola**, v. 25, n. 4, out/nov/dez. 2016.

THE WORLD BANK. **Goods exports (BoP, current US\$)**. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicador/BX.GSR.MRCH.CD?view=chart>>. Acesso em: 05 mai. de 2020.



OBSERVADR





II SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL
VI SIDER SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
III SIDETEG SEMINÁRIO DA REDE IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA
04 A 06 DE NOVEMBRO DE 2020

VELOSO, A. F.; CORREA, C. C.; LIMA-FILHO, D. O. Desempenho das exportações brasileiras de uva de mesa no período de 1990 a 2005. **Informações Econômicas**, SP, v.39, n.2, fev. 2009.

VITTI, A. **Análise da competitividade exportações brasileiras de frutas selecionadas no mercado internacional**. Tese (Mestrado em economia aplicada). Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2009.

YEATS, A. Does Mercosur's Trade Performance Raise Concerns about the Effects of Regional Trade Arrangements? **Policy Research Working Paper**, The World Bank, n. 1729, 1997.



OBSERVADR

